



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

Giovan do Nascimento¹

O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio: a comunidade de Santo Agostinho

The Christian gift between symbolical and economic impact in the later Roman Empire: the Augustinian community

Resumo:

As doações cristãs foram o mecanismo através do qual os clérigos obtiveram suas riquezas durante a Antiguidade Tardia. A avaliação da relevância dessa prática para a definição da sociedade romana tardia, no entanto, é alvo de oposições historiográficas: enquanto alguns estudiosos enfatizam a importância do impacto simbólico que as doações exerceram sobre o imaginário social do Império, outros insistem na irrelevância econômica da prática. O objetivo deste artigo é avaliar a pertinência de se considerar as duas abordagens em conjunto para a compreensão do contexto específico das polêmicas ocasionadas pelo não cumprimento do voto de pobreza pelos clérigos de Hipona, polêmicas conhecidas por dois sermões pronunciados por Santo Agostinho entre dezembro de 425 e janeiro de 426.

Palavras-chave:

Donativo Cristão; Império Romano Tardio; Santo Agostinho.

Abstract:

The Christian gifts were the main mechanism by which the clerics obtained their wealth during Late Antiquity. However, the relevance of this practice to the definition of later Roman society is the target of historiographical opposition: while some scholars emphasize the symbolic impact that gifts had on the Empire's social thought, others scholars insist on the economic irrelevance of this practice. The aim of this paper is to evaluate the relevance of considering the two approaches together to understand the specific context the polemics occurred due to having not been fulfilled the poverty vow by the clergy of Hippo, incident known by two speeches of Augustine pronounced between December 455 and January 456.

Keywords:

Christian Gift; Later Roman Empire; Augustine of Hippo.

¹ Mestrando em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob orientação do Prof. Dr. Julio Cesar Magalhães de Oliveira.

1. Introdução

No ano de 2006, a revista *Antiquité Tardive* dedicou um número especial ao tema *Économie et religion dans l'Antiquité Tardive*. Basta uma lida rápida nos resumos dos artigos que a compõem para que a questão da constituição do patrimônio eclesiástico salte aos olhos. Por um lado, publicações como essa refletem o interesse crescente entre os estudiosos da Antiguidade Tardia pela compreensão das transformações econômicas do período, as quais foram por muito tempo ofuscadas por escolas historiográficas que se restringiam à análise das transformações sociais e religiosas em sua dimensão cultural (Inglebert, 2005). Por outro, é perceptível que um grande número dos trabalhos dessa edição toca em um problema central: as doações de bens materiais realizadas tanto pelos fiéis às igrejas cristãs quanto pelas igrejas às suas comunidades².

Com efeito, o donativo cristão foi o principal mecanismo utilizado pelos clérigos para a aquisição de suas riquezas durante a Antiguidade Tardia. Entre os séculos IV e V d.C., as doações às igrejas cristãs procederam de diversas fontes. Pautadas em momentos, lugares e por razões específicas, foram efetuadas por imperadores cristianizados, ricos aristocratas e também pelos fiéis comuns em seu cotidiano. Como resultado desse processo, os clérigos constituíram um patrimônio eclesiástico cada vez mais opulento, tornando-se capazes de se envolverem com as atividades econômicas das cidades e dos campos do mundo mediterrâneo. Limitando-nos aos últimos tempos do Império romano, a partir da *Pax Constantiniana* e do aparecimento das primeiras basílicas cristãs em ambiente urbano, a avaliação da importância da prática não é, entretanto, de forma alguma consensual entre os historiadores. Na atualidade, há pelo menos duas tendências de abordagem do tema que se opõem: uma que se preocupa com o impacto simbólico da caridade cristã sobre o imaginário romano tardio e outra com o impacto socioeconômico exercido sobre os agentes envolvidos nas doações.

Exemplar da primeira tendência, o historiador irlandês Peter Brown afirma que a caridade cristã tornou visível no Império uma categoria social que, por não ser contemplada pela cidadania romana, foi por muito tempo marginalizada. Essa categoria ganhou visibilidade porque foi colocada no centro do discurso dos pregadores cristãos: os chamados “pobres”, pelos quais os bispos se diziam falar e agir, sustentando-os com generosas doações.

² Para uma visualização do índice desta e de outras edições da revista, acessar: <http://antiquitetardive.free.fr/Revue.html#>

Originária do discurso e da prática das doações, a invenção desse grupo tornou insustentável a situação de um modelo social cívico que há muito tempo se restringia à oposição imaginária entre cidadãos e não cidadãos. O impacto simbólico da caridade cristã sobre este modelo engendrou uma poderosa alteração no imaginário tardo-antigo, ao que se pensava a sociedade agora como fortemente dividida entre ricos e pobres (Brown, 2002). Para além do discurso cristão sobre a pobreza, a historiadora francesa Claire Sotinel, exemplar da segunda tendência, tem constatado que as somas de bens envolvidas nas doações cristãs eram, no entanto, muito pequenas, processadas geralmente *in natura*, o que não modificava em nada nem as riquezas do doador nem o estado socioeconômico do beneficiário, que recebia o suficiente para a nutrição imediata. Por não estimular o desenvolvimento e a circulação de mais riquezas, por sua vez, essas doações não atingiam a economia do Império, o qual preservava suas estruturas socioeconômicas intactas (Sotinel, 2007). Essas abordagens oscilam entre a ênfase dada ao caráter revolucionário da caridade cristã, responsabilizando-a por romper com o modelo social cívico a partir da instituição de um “novo”, o modelo social cristão, e a ênfase dada à insignificância objetiva das doações, realizadas em um mundo que ainda conservava suas formas “antigas”.

Neste artigo, consideramos que as doações tiveram, ao mesmo tempo, um impacto simbólico e econômico. Nosso objetivo consiste em avaliar a capacidade que essa abordagem unitária tem de explicar o contexto específico das polêmicas causadas pelo não cumprimento do voto de pobreza por parte dos clérigos de Hipona, polêmicas que conhecemos devido ao registro e preservação de dois sermões pronunciados por Agostinho em dezembro de 425 e janeiro de 426. Iniciemos pelo o que nos contam as fontes.

2. Os sermões 355 e 356 de Santo Agostinho

Em 18 de dezembro de 425, Agostinho teve que se pronunciar a respeito de uma situação polêmica que perturbava a sua congregação em Hipona. Um presbítero de sua comunidade, Januário, havia feito em morte um testamento. Esse testamento deixou Agostinho em uma posição desconfortável, dado que, desde a sua ordenação como padre, estabeleceu como norma para todos aqueles que desejassem segui-lo na carreira clerical a efetuação de um rigoroso voto de pobreza. Em contradição com esse voto, o testamento de Januário demonstrava a todos os membros de sua comunidade que o presbítero manteve bens pessoais durante toda a vida, revertendo-os à Igreja apenas depois de morto. E, no entanto, Agostinho anunciou aos seus

Nascimento, Giovan do

O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

ouvintes que se via obrigado a não mais aceitar aquela doação! Muitos se indignaram com a recusa. O bispo justificou-se alegando que renunciava às doações porque Januário tinha filhos, e foi precisamente para que sua filha pudesse, quando completasse a idade legal, fazer do dinheiro o que melhor conviesse a uma virgem de Cristo, que o presbítero manteve aqueles bens. Uma desavença na família, entretanto, levou o presbítero a deserdar os filhos em favor da Igreja. “Oh dor de todos nós em comunidade! Oh fruto não nascido da árvore de nosso Senhor!” - lamentou Agostinho. E foi para não compactuar com intrigas de família que prometeu reverter os bens aos filhos de Januário como lhes eram de direito. Entre os próprios irmãos, porém, se estabeleceu uma contenda sobre quem deteria o quê, incidente que forçou Agostinho a intermediar a questão como um juiz para só depois apresentar os resultados à sua comunidade.

Esses resultados foram apresentados no início de janeiro de 426. Durante o período de espera, Agostinho alegou que os irmãos haviam se resolvido por eles mesmos sem a sua intervenção. O que se seguiu em sua fala foi uma tentativa de reforçar o voto de pobreza, instituído aos seus clérigos, recorrendo a uma justificação sistemática da razão da manutenção de propriedades privadas por alguns deles. Podemos imaginar que, entre o sermão pronunciado em 425 e o outro de 426, os rumores sobre a polêmica ganharam força, tornando o segundo muito mais longo e o tom do bispo mais firme por necessidade. Naquele momento, Agostinho não estava mais lidando com apenas um caso isolado, mas com uma série de casos polêmicos que refletiam, muito provavelmente, a contestação de sua própria autoridade pelo público.

Nosso conhecimento desses episódios hoje só é possível porque, nas duas ocasiões, os sermões foram registrados pelos taquígrafos de Hipona, prática bastante usual com os discursos públicos do Império romano tardio. Em seguida, estes e outros sermões e cartas foram preservados em quantidades reduzidas pelos monges copistas, com seu conjunto se dispersando, posteriormente, por toda a Europa Ocidental. O acesso a esse *corpus* documental só foi facilitado a partir de 1969, devido ao trabalho da Academia Austríaca de Ciências, que se disponibilizou a rastrear e catalogar todos os manuscritos do bispo com o auxílio da tecnologia dos computadores (Brown, 2005). Ao contrário das obras formais, os sermões tratam de problemas de um cotidiano indiferente aos impasses teológicos dos pensadores medievais, mas que se tornaram centrais ao pesquisador interessado na vida social e religiosa da África romana. O sermão pronunciado em dezembro de 425, por ocasião do testamento de Januário, e o pronunciado em janeiro de 426, em que Agostinho sentiu-se na obrigação de restabelecer o

voto de pobreza aos seus clérigos, foram catalogados como os sermões de números 355 e 356. Para muitos estudiosos, a importância deles decorre do fato de que se tratam das principais fontes disponíveis para o conhecimento das contribuições de Agostinho à formação do patrimônio eclesiástico da cidade de Hipona.

Pelos dados materiais, o que conhecemos desse patrimônio é a existência de uma basílica cristã em um bairro suburbano de Hipona, entre os portos e o centro cívico. A estrutura anterior sobre a qual foi erigida tratava-se de uma *domus* (“mansão” ou “casa de elite”). Em seguida, a basílica recebeu uma série de anexos (Bizot, 2005). Os textos antigos indicam que, antes de Agostinho se tornar padre, Hipona já tinha uma grande quantidade de igrejas cemiteriais e duas igrejas urbanas principais: a basílica Leonciana e a basílica da Paz (Lancel, 2005). Alguns estudiosos tentam relacionar os dados textuais com os artefatos. No entanto, devido à má qualidade das escavações, o estado atual das estruturas materiais não nos permite uma investigação mais detalhada, tornando qualquer relação apenas hipotética. De certo, isso não consiste em um problema para nós, dado que nosso objetivo central, mais que o de traçar as contribuições de Agostinho para a formação do patrimônio eclesiástico de Hipona, é compreender a relação entre o impacto simbólico e econômico das doações em sua comunidade.

3. O mosteiro de clérigos

A efetuação ou não das doações tiveram um conteúdo polêmico, responsável por forçar os próprios discursos de Agostinho. Para compreender essas polêmicas, é preciso entender o próprio sentido atribuído às doações de bens materiais naquela comunidade específica: o ideal de bem comum. Analisemos o excerto abaixo, retirado do sermão pronunciado em dezembro de 425:

“Quando vim para esta cidade, ainda era jovem. Como muitos de vocês também o são. Desejava um lugar onde pudesse estabelecer um mosteiro para viver com meus irmãos. Já havia renunciado a uma perspectiva mundana: a carreira que eu poderia ter feito no mundo, não a desejava. [...] "Tenho preferido estar em um lugar humilde na casa de meu Deus que habitar na tenda dos ímpios". Me separei daqueles que amam o mundo e nem sequer estou em meio àqueles que o governam; aqui sou um guia para as pessoas; no banquete de meu Senhor não escolhi um lugar distinto, mas um dos últimos lugares, um lugar inferior, humilde. E ainda que

Nascimento, Giovan do
O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

ele tentasse me agradar: 'Esteja acima'. Eu temia o cargo de bispo, porque estava começando a circular entre os servos de Deus uma notoriedade de algum peso sobre minha carreira. Eu tentava evitar este peso e pedia a Deus, gemendo, que me concedesse a salvação em uma posição humilde, não correndo os perigos de ocupar um alto cargo. Mas, como tenho dito, o servo não deve contradizer ao senhor. Nesta cidade vim para ver um amigo que eu esperava ganhar a Deus [...] Estava tranquilo [...] Entrando nesta igreja não portava nada: só as vestimentas que utilizava naquele momento. E dado que meu propósito era viver com os irmãos no mosteiro, o velho Valério, de memória venerada, conheceu o meu desejo e a minha vontade, doando-me aquele terreno no qual agora se eleva o mosteiro. Comecei então a reunir irmãos de boa vontade que desejassem ser meus companheiros na pobreza, que nada possuiriam assim como eu: que estivessem dispostos a me imitar. Tal como eu havia vendido minha pequena propriedade e dado aos pobres os proventos, assim deveriam fazer aqueles que desejassem viver comigo. Nós viveríamos do bem comum. Comum a todos nós seria um grande e fertilíssimo poder, o mesmo Deus. Chegando pois ao episcopado. Ali me dei conta que o bispo costuma usar hospitalidade àqueles que o venham encontrar, ou que estejam de passagem. Se o bispo não o faz, parece não humano. E em um mosteiro não seria conveniente introduzir uma tal concessão, porque eu desejava ter comigo, nesta mesma sede episcopal, um mosteiro de clérigos. E assim como vivemos. No momento em que estamos em comunidade a nenhum é lícito possuir algo para si mesmo. "Talvez - insinuam alguns - seja possível". Lícito não é. Aquele que o tem, comete algo ilícito" (Agostinho, S. 355, 2. traduzido a partir das versões em italiano e espanhol)

Foram essas as palavras de Agostinho que antecederam a discussão sobre Januário. Tentando reafirmar o ideal proposto aos clérigos de sua congregação, narrou a experiência de sua própria vida. Essa experiência baseou-se em dois ambientes religiosos diferentes: o primeiro, que desejava no início de carreira, do monastério; o segundo, submetido por uma vontade de Deus, do episcopado. Iniciemos nossa análise pelo segundo, o dito “alto cargo”.

Podemos associar o *status* elevado e os perigos que rodeavam o episcopado à importância da figura dos clérigos na Antiguidade Tardia. Os riscos aos quais os bispos, sobretudo, estavam submetidos, eram perigos iminentes a qualquer figura pública do mundo romano. Peter Brown afirmou que o fardo desses governantes eclesiásticos se equiparava ao “fardo do Homem Branco”, constituindo o romano tardio equivalente dos colonizadores modernos, os quais acreditavam, firmemente, que “teriam de ficar perante

Nascimento, Giovan do
O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

Cristo no Último Julgamento para responder pelos pecados da população de suas cidades” (Brown, 1971: 108).

No discurso, esses governantes enfatizavam o caminho da austeridade em oposição à opulência do mundo. A sua retórica, contudo, era aquela de quem havia partilhado e se educado nesse mundo opulento, e se a ele se opunham, opunham-se, entretanto, utilizando suas próprias regras: da oratória. A retórica dos bispos era a “retórica do paradoxo”, baseada na forte oposição entre o alto e o baixo: ao mesmo tempo em que pregavam a austeridade, salientavam, de forma discreta, a eminência de suas próprias figuras (Brown, 1992: 77). Recordemos que, enquanto Agostinho enfatizou o seu desejo de viver no lugar mais humilde, também sublinhou, com sutileza, que o próprio Deus desejava que estivesse mais acima.

Devido ao seu dever para com o rebanho, os bispos construíram um envolvimento bastante ativo com as relações políticas de suas congregações, devendo prestar esclarecimentos aos fiéis e posicionar-se como verdadeiros juízes perante as deliberações da comunidade. Essa prática, da arbitragem clerical, existia desde a Igreja Pré-Constantiniana. No início do reinado de Constantino, porém, ela foi legitimada a nível imperial, quando o príncipe ratificou o direito aos bispos de agirem como árbitros supremos das causas civis que a eles fossem encaminhadas. Consolidou-se, então, a *episcopalis audientia*, a "corte episcopal" responsável pelo exercício diário da justiça nos círculos cristãos (Brown, 2001: 67). Processada em um *secretarium* - uma "sala de audiência" adjacente à igreja do bispo -, o arcabouço jurídico ao qual recorriam era a jurisdição do mundo romano, bem como as Escrituras Sagradas. Com efeito, em janeiro de 426, retomando a importância do voto de pobreza instituído aos clérigos de sua congregação, Agostinho solicitou ao presbítero Lázaro que lesse o seguinte excerto de *O Ato dos Apóstolos*:

“A multidão de crentes terá um só coração e uma só alma; e nenhum dirá ser sua aquela propriedade que a todos pertence, pois qualquer coisa será entre eles comum. E com grande força os Apóstolos foram testemunhas da ressurreição do Senhor Jesus, e a graça foi entre eles abundante. Nenhum entre eles era necessitado porque todos que possuíam terras ou moradias as venderam, dirigindo os ganhos do que foi vendido aos pés dos Apóstolos. Após isto, a todos seria redistribuído segundo a necessidade” (Agostinho, S. 356, 1. traduzido a partir das versões em italiano e espanhol)

A partir de sua identificação com os apóstolos, o papel do bispo, mais que da efetiva atuação como um juiz, seria também o da administração das

Nascimento, Giovan do
O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

propriedades da comunidade, o que o reforça como imprescindível à multidão de crentes detentora de “um só coração e uma só alma”.

O tema da coletivização dos bens dos clérigos é central aos sermões 355 e 356. No excerto citado do sermão 355, ela se reveste de uma roupagem particular: “No momento em que estamos em comunidade a nenhum é lícito possuir algo para si mesmo. 'Talvez - insinuam alguns - seja possível'. Lícito não é. Aquele que o tem, faz algo ilícito”. Partindo de um determinado ideal de comunidade, portanto, Agostinho estabelece as fronteiras que separam o lícito do ilícito, em que o segundo se configura na manutenção de bens pessoais pelos seus clérigos. Mas qual é o ideal em que se espelha? Agostinho mesmo responde ao expor o seu desejo de vida comum com os pares no mosteiro. Com efeito, o ideal de pobreza é a regra do mundo monástico. No mosteiro, os monges viviam todos do bem comum, e estabeleciam, a partir dele, laços de companheirismo definidos pela austeridade. A regra para a entrada nessa vida consistia, portanto, no despojamento de todo e qualquer bem pessoal. Segundo Brown,

“Um gesto explícito e físico de 'deslocamento' do mundo seria o primeiro passo necessário no novo movimento ascético [...] em qualquer caminho ele pode mostrar isso, o novo santo Cristão teria operado por alguma notória antítese às normas da vida civilizada no Mediterrâneo. Inevitavelmente, portanto, o caminho que estes homens se organizavam, a cultura que criavam, os padrões de comportamento que eles pregavam, mesmo os lugares onde eles preferiam se congregar, marcam uma ruptura com o que foram antes. O apelo e a significância do ascetismo que varreu o mundo Romano no quarto século reside precisamente nisto: ele foi um agrupamento de auto estilizados 'pessoas deslocadas', que clamavam por iniciar uma nova vida” (Brown, 1971: 98).

Agostinho mesmo afirmou que, quando chegou à Igreja de Hipona, a única coisa que possuía eram as vestimentas em seu corpo. Retratou sua ascensão ao episcopado como não desejada por ele mesmo: foi subjugado por um desígnio divino. Quando assumiu o cargo, entretanto, não abandonou os velhos ideais monásticos. Ele introduziu o ideal ascético, de renúncia às instituições do mundo civilizado, no seio de sua congregação. Assim como os monges se despojavam das riquezas privadas, também seus clérigos o deveriam fazer, coletivizando as propriedades em favor da Igreja. Foi dessa intersecção que se constituiu a congregação agostiniana. Foi chamada “mosteiro de clérigos”: um lugar constituído por clérigos, não monges, mas que ainda seria um mosteiro, pois se fundamentava sobre a regra do mundo monástico: o voto de pobreza.

Nascimento, Giovan do
O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

4. “Realmente se vive assim como se diz?”

A regra de pobreza instituída aos clérigos de Hipona poderia se transformar em expectativas dos fiéis para com suas lideranças. No momento em que essa demanda se chocou com um comportamento contraditório, Agostinho foi chamado a prestar esclarecimentos. Com efeito, no sermão pronunciado em janeiro de 426, o bispo precisou discutir o comportamento econômico de seus clérigos, tentando reafirmar tanto a sua própria autoridade quanto a efetivação do voto de pobreza. A partir do que ele diz, analisaremos agora os casos da mais explícita contradição ao voto. Começamos pelo seguinte excerto:

“Se alguns daqueles que amam-nos e gostam de nós ostentassem o mérito desta sociedade e àqueles que nos criticam dissessem: "Todos aqueles que habitam com o bispo Agostinho vivem exatamente segundo o modelo descrito nos Atos dos Apóstolos", os nossos detratores poderiam subitamente balançar a cabeça e tirar para fora a mordida de sua acusação: 'realmente se vive assim como se diz? Por que mentem? E honram com falsos louvores os indignos? Não se deu o caso próprio agora de um presbítero de sua comunidade que fez testamento? [...] Realmente ali todas as coisas são em comum? Realmente ninguém se acredita proprietário de qualquer coisa?’” (Agostinho, S. 356, 2. traduzido a partir das versões em italiano e espanhol)

O trecho acima evidencia a divisão de opiniões no seio da comunidade de Agostinho. Também podemos pensar que a citação àqueles que os apoiavam decorra de um recurso retórico utilizado pelo bispo na ocasião. Entre um e outro, mais interessante seria constatar a simples existência dos rumores: foi com seu uso que o público de Agostinho pressionou os esclarecimentos do bispo. Nesse sermão, foram avaliados os casos de uma série de membros de sua comunidade. Em ordem, Valério, Patrício, Faustino, Severo, o diácono de Hipona, Heráclio, Lepório, e, de forma geral, os subdiáconos e os presbíteros - a respeito dos quais não há grande discussão, apenas o que se segue: “Quanto aos outros diáconos, são todos pobres pela graça de Deus e estão na misericórdia divina [...] A unidade da caridade é preferível a qualquer vantagem de herança terrena”. Quanto aos presbíteros:

“[...] são todos pobres de Deus [...] Todavia, porque sei que também sobre eles correm boatos de suposta riqueza, desejo dizer algumas palavras, não porque eu tenha que dizer qualquer coisa sobre eles, mas porque as minhas afirmações se justificam perante os vossos próprios olhos” (Agostinho, S. 356, 9. traduzido a partir das versões em italiano e espanhol)

Nascimento, Giovan do

O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

A brevidade do que é dito não nos permite analisá-los para além do que já discutimos. Quanto às personagens individuais, de Valério a Severo observamos uma situação bastante diferente daquela de Heráclio e Lepório. Dedicaremos a análise dessa seção aos quatro primeiros, começando por Valente e Patrício:

“Enquanto isso, lhes darei uma notícia que os irão agradar: todos os meus irmãos e companheiros de sacerdócio, que vivem aqui comigo a vida comum, presbíteros, diáconos e subdiáconos, bem como o meu sobrinho Patrício, constato que são propriamente tais como o desejam encontrar. São apenas dois os que ainda não têm feito todo o determinado sobre a sua pobreza: o subdiácono Valente e meu sobrinho Patrício - aquele que acabo de mencionar -, os quais ainda não tomaram a decisão a respeito de suas propriedades, por menores que sejam. Quanto ao subdiácono, impedia-lhe o fato de que a mãe estava viva, e era usufrutuária daquela propriedade; além do mais, esperava-se que ele atingisse a idade legal para que a sua decisão fosse tomada com consciência firme. Contudo, agora ainda não o pode fazer porque algumas de suas propriedades, que têm em comum com seu irmão, são posses indivisíveis” (Agostinho, S. 356, 3. traduzido a partir das versões em italiano e espanhol)

Essas posses indivisíveis são escravos. Tanto ele quanto Agostinho gostariam de libertá-los e direcioná-los à comunidade, mas o bispo alegou que isso não aconteceria enquanto se encontrassem naquela ocasião. Nesse caso, embora Valente fosse o mais velho dos irmãos, a escolha era de seu irmão mais novo (a razão não é explicada). O irmão de Valente, no entanto, também era um servo de Deus e subdiácono na igreja de Milevi, lugar onde o antigo companheiro de monastério de Agostinho, o bispo Severo, estava cuidando do caso para que os escravos pudessem serem libertados em breve e sustentados pela sua Igreja. Quanto ao sobrinho de Agostinho, Patrício...

“[...] desde quando foi convertido e começou a viver comigo, também ele estava impossibilitado de doar algumas de suas posses enquanto sua mãe, que lhes era usufrutuária, estivesse viva. Este ano está morta. Mas entre ele e suas irmãs há alguns assuntos pendentes, coisa que será resolvida o mais rápido, com a ajuda de Cristo, de modo que também ele realize aquilo que cabe a um servo de Deus, aquilo que exige a sua profissão e o aviso que vem desta leitura que fizemos” (Agostinho, S. 356, 3. traduzido a partir das versões em italiano e espanhol)

Os dois casos possuem semelhanças, a começar pelo fato de que Valente e Patrício ainda mantinham bens pessoais. A justificativa consistia no

domínio em comum dessas propriedades com seus respectivos familiares. É preciso notar que Agostinho enfatiza que o despojamento desses bens seria realizado em breve, sugerindo que a expectativa de todos era que as propriedades dos clérigos fossem, o quanto antes, revertidas à Igreja.

Em seguida, cita-se o diácono Faustino, aquele “[...] que possuía aparentemente bem pouco e o havia deixado *iure non corpore* [...]”. Ainda que tendo pouco, Faustino tinha algo. “Encontrando-se nesta circunstância” - Agostinho afirmou que ele “[...] fez, por meu conselho, a divisão de sua substância; metade a deu aos irmãos, metade a uma igreja pobre que se localiza em sua terra natal”. Ainda que este diácono pareça ter se despojado, em definitivo, de tudo o que tinha, seus bens não se direcionaram para a Igreja de Hipona, mas para uma igreja do lugar onde nasceu. A reversão das posses aos irmãos, por sua vez, atesta uma situação bastante semelhante à de Valente e de Patrício. Em parte, os bens de Faustino também permaneciam no seio da família, ainda que desta vez não por uma repartição tardia, mas pela doação direta. Esta preocupação com a família, mais que com a congregação, se repete também no caso do diácono Severo. Primeiro, ele tinha “[...] comprado aqui uma casa para a mãe e a irmã [...]”, pois desejava “[...] fazerem-nas virem da pátria”. O recurso utilizado, entretanto, não foi seu, mas de uma coleta feita por “pessoas piedosas”. Pessoas que, para Agostinho, haviam “[...] dado também os seus nomes quando eu lhes perguntei quem eram”. Apesar de afirmar que Severo não possuía nenhum dinheiro, o excerto seguinte o denuncia: “Tem também, na pátria, um pequeno campo. Bem, deseja distribuí-lo de modo que seja beneficiada, também ali, uma igreja pobre daquele lugar”. Além disso, também mantinha “[...] uma questão pendente com a mãe, e foi colocado que eu seja o juiz de modo que, encerrada a pendência, faça-se da casa aquilo que por mim será estabelecido”.

Esses casos parecem confirmar a proposição de Claire Sotinel, segundo a qual as doações materiais realizaram pouco impacto econômico real sobre as comunidades cristãs naquele período. Com efeito, não podemos observar nenhum empreendimento econômico que se volte à própria comunidade de Agostinho: ao contrário, quando existe alguma doação, ela se direciona ao benefício da família ou do local de nascimento. Não podemos negar que a publicidade que esses casos conquistaram talvez tenha forçado à concretização das promessas do bispo. Como é evidenciado no caso do diácono de Hipona, possuidor até aquele momento de escravos: “Hoje mesmo, perante os vossos olhos, ele os libertará por decreto episcopal”. A necessidade da intervenção do público, na forma de rumores e pressões, no entanto, só foi necessária devido à atitude econômica dos clérigos de Hipona: clérigos que, para além do voto

Nascimento, Giovan do
 O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
 a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

de pobreza, mantinham riquezas privadas, não realizando doações relevantes à própria comunidade.

5. “A sua vida está diante de vossos olhos”

Na via contrária dos demais se encontram o diácono Heráclio e o presbítero Lepório. A exemplo do diácono de Hipona, Heráclio também tinha escravos. De igual modo, também, “[...] propriamente hoje ele os libertará por regular ato eclesiástico. Portanto, ninguém diga mais: 'É rico'. Ninguém pense mal. Ninguém cometa maledicência”. A diferença, nesse caso, é que o rumor se assenta sobre a riqueza de Heráclio, ao contrário do diácono de Hipona, que foi retratado como pobre. “É rico” - diziam. E de fato, ao contrário de todos os outros, o envolvimento econômico de Heráclio com a Igreja de Hipona foi bastante ativo. Comprou um terreno ao redor da igreja, no qual construiu uma pequena casa. No entanto, não...

“[...] possuía ele pessoalmente qualquer desejo de uma casa, se não que pensava que seria possível vir a sua mãe. Se ela tivesse vindo antes, realmente iria morar na propriedade do filho. Se vier agora, habitará na propriedade da Igreja na qual habita seu filho” (Agostinho, S. 356, 7. traduzido a partir das versões em italiano e espanhol)

Se o excerto sugere a mesma tendência da manutenção de propriedades no âmbito familiar, é preciso sublinhar que, a nível jurídico, essa casa havia se revertido à Igreja, ainda que na prática quem a habitasse fosse a mesma pessoa. Mais que essa simples casa, Heráclio também tinha comprado uma pequena propriedade (cuja natureza não fica explícita). Os recursos utilizados seriam dados ao próprio Agostinho para que ele os distribuisse pelas suas mãos.

“Se eu amasse o dinheiro ou se estivesse preocupado nesta circunstância com o dever que pessoalmente me incubo para os pobres, eu teria tomado aquele dinheiro. "Por que, no entanto, não o faz?" pode dizer alguém. Aquela propriedade, por ele comprada e doada à Igreja, não dá ainda benefício algum à Igreja. Ela possui uma soma inferior àquela conquistada pela sua aquisição, e hoje aquilo que se obtém é para extinguir o débito já feito. Eu sou velho. Quanto fruto eu poderei obter daquela propriedade?” (Agostinho, S. 356, 7. Traduzido a partir das versões em italiano e espanhol)

Nascimento, Giovan do

O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

Como indicado, a propriedade foi doada à Igreja. Também é possível imaginar que ela se tratava de um bem mais significativo que uma simples casa, dado que a dívida continuava ativa. Mais importante é que, para quitá-la, era utilizada a própria propriedade: ela destinava-se, portanto, à produção (que no momento parece ainda modesta). Claire Sotinel, novamente, admite que as propriedades imobiliárias doadas às igrejas no período possibilitavam o investimento e o desenvolvimento em longo prazo. Nos limites de nossos documentos, entretanto, não podemos avaliar essa questão. Iniciemos a análise da principal doação feita por Heráclio:

“Quanto ao diácono Heráclio, a sua vida está diante de vossos olhos. As obras por ele feitas estão em vista. Graças ao dinheiro conseguido pelo seu trabalho temos uma capela dedicada ao santo mártir” (Agostinho, S. 356, 7. traduzido a partir das versões em italiano e espanhol)

O santo mártir trata-se de Santo Estevão. A veneração pelos corpos dos homens santos, na África do Norte, manteve-se por muito tempo em âmbito funerário, a exemplo dos banquetes celebrados em honra dos mortos comuns. A novidade no século IV foi que o culto dos santos associou-se ao culto eucarístico da comunidade, difundindo-se o costume de colocar as relíquias dos mártires debaixo dos altares. Durante o período, o culto de Santo Estevão, sobretudo, difundiu-se na África do Norte com a entrada de suas relíquias em Calama, Uzala, Hipona e Cartago (Magalhães de Oliveira, 2002; Rapp, 2008; Bangert, 2010). Por mais modestos que os lugares fossem, as relíquias investiram-nos de um significado importante em decorrência da realização de milagres em seu interior.

A capela de Santo Estevão foi uma doação bastante modesta do ponto de vista econômico. Segundo Serge Lancel, ela “era contígua, adjacente, com uma comunicação fácil e rápida com a basílica propriamente dita, sobre um dos corredores que a ela davam visivelmente” (Lancel, 1999: 335). Uma capela modesta e de fácil acesso; “diante de vossos olhos” - como Agostinho afirmou. Foi erigida no verão de 425. No ano seguinte, no dia da Páscoa, um peregrino originário da Capadócia, Paulo, que sofria de incorrigíveis tremedeiras, foi dentro dela curado através de um milagre. Dois dias mais tarde, em 13 de Abril de 426, sua irmã Paladia, que acompanhara o irmão em peregrinação na busca da cura, também encontrou a graça sob as aclamações dos fiéis (Lancel, 1999: 333). A capela de Santo Estevão, portanto, ainda que bastante modesta, possuía um significado profundo para a congregação dos cristãos, constituído em seu uso. Ainda que os milagres relatados sejam posteriores, as palavras de Agostinho sobre a visibilidade dos feitos de Heráclio ganham sentido. A capela não era só fisicamente visível, mas também

Nascimento, Giovan do
O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

notável pelo seu poder simbólico: ela extrapolava os limites da paisagem urbana na qual estava inserida, conquistando fama para além.

Ao presbítero Lepório são referidas a construção da basílica dos oito mártires e de uma hospedaria. De família rica, despojou-se de tudo o que tinha, mas não na comunidade de Agostinho: suas primeiras doações foram para um mosteiro, sobre o qual o presbítero continuou depois custeando todos os gastos. No entanto, para não contribuírem aos rumores daqueles que criticavam o voto, Lepório e Agostinho decidiram que os monges viveriam como se o primeiro estivesse morto. A partir de então, Agostinho solicitou que Lepório construísse uma hospedaria, o *xenodochium*, e a basílica dos oito mártires. Lepório o obedeceu. A segunda, entretanto, não foi uma doação direta. O início de sua construção se deu com “[...] o dinheiro que foi dado à Igreja pela hospedaria [...]”, e depois “[...] do início da construção tivemos contribuições de pessoas religiosas, que desejavam seus nomes escritos no céu” - estas pessoas religiosas ajudaram na edificação “[...] segundo a própria disponibilidade, levando-as a serem vistas”.

Esse incidente é interessante porque remete-nos, a exemplo do caso da construção da casa para a mãe de Severo, às doações feitas por pessoas que não os clérigos. Pessoas “religiosas” ou “piedosas” não nos permitem afirmar que se tratavam dos fiéis, embora a hipótese seja muito plausível. Acreditamos que, nesses contextos, ambos os adjetivos remetam a boas qualidades, as quais são conquistadas pela prática das doações. Com elas, as pessoas têm seus nomes escritos no céu e se tornam socialmente visíveis: ganham fama e notoriedade. Ainda que a doação se processe segundo a própria disponibilidade, ou seja, de forma voluntária, é a própria ausência de rigor sobre a prática que talvez a dignifique no interior da congregação: se as pessoas doavam, afinal, era por boa vontade. Esses mesmos incidentes, por outro lado, também nos alertam para a importância que as doações realizadas não só pelos clérigos, mas pelas pessoas comuns, tiveram para a consolidação do patrimônio eclesiástico de Hipona. A pergunta que permanece é: por que uma hospedaria seria tão relevante ao ponto dessas pessoas investirem em sua construção?

“[...] nós podemos pensar que a construção do *xenodochium* foi necessária, não somente pela chegada das relíquias de Santo Estevão, mas também pelo desenvolvimento dos cultos martirológicos locais, seguindo um processo que nós constatamos um pouco depois em toda parte na África do Norte. Estes cultos, como aquele de Santa Salsa em Tipasa, exerceram uma larga atração, alimentando os fluxos de peregrinos que excediam

Nascimento, Giovan do
O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

largamente os circuitos locais ou estritamente norte-africanos?”
(Lancel, 1999: 335).

Ou seja, a hospedaria foi uma demanda da forte atração que os lugares como a capela de Santo Estevão passaram a exercer. Julio Cesar Magalhães de Oliveira sublinhou que o financiamento destes cultos pelos clérigos era utilizado como forma de promoção política (2002). Realmente, no fim do ano do pronunciamento do sermão 356, foi escolhido o sucessor de Agostinho. E este foi o próprio Heráclio! Não podemos considerar essa sucessão como uma escolha do acaso. Com relação às riquezas, Lepório também era uma personagem abastada. Investiu, a exemplo de Heráclio, na comunidade. Entretanto, grande parte de seus investimentos se dirigiram ao mosteiro, o que torna muito plausível a hipótese de que o que garantiu que Heráclio sucedesse Agostinho foi a popularidade adquirida com a edificação da capela de Santo Estevão: as pessoas eram curadas nela através de processos milagrosos. A atração de peregrinos, por outro lado, poderia suscitar o desenvolvimento econômico da comunidade. Portanto, ainda que muito modesta, a doação de Heráclio foi a que adquiriu a maior visibilidade.

Conclusão

O que podemos conhecer do patrimônio eclesiástico de Hipona é que, ao menos até o tempo de Agostinho, ele foi constituído por basílicas, estruturas anexas, capelas e igrejas suburbanas. É provável que os sermões foram pronunciados no interior de uma das basílicas urbanas comentadas na introdução desse artigo. Esses mesmos sermões, por sua vez, nos permitem conhecer os acréscimos finais de Agostinho à Igreja de Hipona. Esses acréscimos foram casas, uma hospedaria e a capela de Santo Estevão. A efetuação deles, precisamente, toca no centro de nosso problema: o impacto simbólico e econômico do donativo cristão. Nesse sentido, observamos que o impacto econômico das doações realizadas pelos clérigos e fiéis da comunidade de Agostinho foi bastante modesto. Em grande parte, os bens dos clérigos permaneciam, durante a vida, com eles mesmos ou no seio de suas respectivas famílias. Por vezes, eram direcionados ao benefício do lugar em que nasceram, mas não à congregação em que atuavam. Por outro lado, a ênfase dada à visibilidade da capela de Santo Estevão demonstra que o impacto simbólico por ela suscitado foi bastante intenso na comunidade, apesar de tão modesta economicamente. Heráclio, o doador, se transformou em uma personagem popular, popularidade conquistada talvez em menor escala também pelos doadores mais modestos. Para além da comunidade, a

Nascimento, Giovan do

O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

capela de Santo Estêvão se transformou em um centro de atração de peregrinos, engendrando um outro empreendimento material: o *xenodochium*. É possível que a atração de peregrinos tenha suscitado desenvolvimento econômico à Igreja de Hipona na longa duração? Não podemos responder essa questão devido aos limites de nossos documentos. A hipótese, porém, é muito plausível, sugerindo que, nesse contexto, o desenvolvimento material das comunidades cristãs também poderia decorrer de um determinado investimento simbólico.

Referências

Fontes

Agostinho. *Discorsi 355*: sul comportamento dei chierici discorso primo. Disponível em: <<http://www.augustinus.it>> Acessado em: 10 de dezembro de 2011.

Agostinho. *Discorsi 356*: sul comportamento dei chierici discorso secondo dello stesso sant' Agostino. Disponível em: <<http://www.augustinus.it>> Acessado em: 10 de dezembro de 2011.

Agostinho. (1985). *Obras completas de San Agustín. XXIV: Sermones (6.º) 339-396*. Sermones sobre diversos temas. Índices bíblico, litúrgico y temático de todo el Sermonario agustiniano; [Texto latino de diversas fontes, revisto por Miguel Fuertes Lanero, com a colaboração de Andrés Centeno e Primitivo Arboleya; tradução espanhola, notas e índices de Pío de Luis]. Madrid: Editorial Católica.

Bibliografia

Bangert, S. (2010). The archaeology of pilgrimage: Abu Mina and beyond. In Gwynn, D. & Bangert, S. *Religious diversity in Late Antiquity* (pp. 293-329). Netherlands: Brill.

Bizot, B. (2005). La basilique et ses abords. In Delestre, X. *Hippone* (pp. 193-219). Aix-en-Provence: Édisud.

Brown, P. (2002). *Poverty and leaderships in Later Roman Empire*. Hanover: University Press of New England.

Nascimento, Giovan do

O donativo cristão entre o impacto simbólico e econômico no império romano tardio:
a comunidade de Santo Agostinho
www.revistarodadafortuna.com

Brown, P. (1992). *Power and persuasion in Late Antiquity*: towards a christian empire. Madison: The University of Wisconsin Press.

Brown, P. (2008). *Santo Agostinho*: uma biografia. Trad. de Vera Ribeiro. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record.

Brown, P. (1971). *The world of late antiquity*: AD 150-750. London: Thames & Hudson.

Inglebert, H. (2005). Peter Brown. In Véronique Sales (ed.). *Os Historiadores* (pp. 415-433). Lisboa: Teorema.

Lancel, S. (1999). *Saint Augustin*. Paris: Fayard.

Lancel, S. (2005) Saint Augustin et Hipone. In Delestre, X. *Hippone* (pp. 25-33). Aix-en-Provence: Édisud.

Magalhães de Oliveira, J. C. (2002). A nomeação de Heráclio, sucessor de Santo Agostinho, e as relíquias de Estêvão. In Rodolfo P. Buzón, Pablo A. Cavallero, Alba Romano e Maria Eugenia Steinberg (orgs.). *Los estudios clásicos ante el cambio de milenio*. Vida, Muerte, Cultura (pp. 104-113). Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, v. 2.

Rapp, C. (2008). Saints and holy men. In Casiday, A & Norris, F. *Cambridge History of Christianity*, vol. 2 (pp. 548-566). Cambridge: Cambridge University Press.

Sotinel, C. (2006). Le don chrétien et ses retombées sur l'économie dans l'Antiquité Tardive. *Revue de L'Antiquité tardive*: Economie et religion, Lyon, v. 2, n. 14, 105-116.

Recebido: 31 de maio de 2013

Aprovado: 13 de julho de 2013